

11ª Feira Brasileira dos Colégios de Aplicação e Escolas Técnicas



GTD “HISTÓRIA(S) INDÍGENA(S): SABERES, CULTURAS E PRÁTICAS”: UMA EXPERIÊNCIA INTERCULTURAL NO 1º CICLO DE FORMAÇÃO HUMANA DO CENTRO PEDAGÓGICO DA UFMG

*Evandro José Faria Junior, Centro Pedagógico - CP/EBAP/UFMG,
evandrojaria7@gmail.com¹*

Ruana Priscila da Silva Brito, Centro Pedagógico - CP/EBAP/UFMG, ruanabrito@gmail.com²

Alice Batista Tuyama, Centro Pedagógico - CP/EBAP/UFMG

Alice Garcia Silva, Centro Pedagógico - CP/EBAP/UFMG

Ana Lílian Labanca Toledo, Centro Pedagógico - CP/EBAP/UFMG

Daniel Costa Gonçalves, Centro Pedagógico - CP/EBAP/UFMG

Gabriel Braga Guimarães Moreira, Centro Pedagógico - CP/EBAP/UFMG

Gabriel Freitas Santos, Centro Pedagógico - CP/EBAP/UFMG

Gabriel Torres Ferreira, Centro Pedagógico - CP/EBAP/UFMG

Guilherme Diniz Torres, Centro Pedagógico - CP/EBAP/UFMG

Lis Monteiro Werneck, Centro Pedagógico - CP/EBAP/UFMG

Maria Fernanda Santos da Cruz, Centro Pedagógico - CP/EBAP/UFMG

Sophia Vidigal Trandafilov Floriano Peixoto, Centro Pedagógico - CP/EBAP/UFMG

Túlio Araújo Martins de Souza, Centro Pedagógico - CP/EBAP/UFMG

Categoria: (B)

Palavras-chave: História indígena; Interculturalidade; Diversidade; Ensino Fundamental; Educação emancipadora.

Resumo

A partir da Lei Nº 11.645/2008 (Brasil, 2008)³, tornou-se obrigatório nos currículos das instituições de ensino públicas e privadas de todo país o ensino

¹ Graduando no curso de Licenciatura em História e monitor no Programa Imersão Docente - Educação Especial (PID/EE) na Escola de Educação Básica e Profissional “Centro Pedagógico”- CP/EBAP/UFMG. Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, MG, Brasil.

² Doutora em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Professora da Escola de Educação Básica e Profissional “Centro Pedagógico” – CP/EBAP/UFMG, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil. Endereço para correspondência: Núcleo Básico – CP/EBAP/UFMG – Av. Antônio Carlos, 6627, Campus Pampulha, CEP: 31.270-901, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil.

³ BRASIL. Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm>. Acesso em: 25 de agosto de 2023.

11ª Feira Brasileira dos Colégios de Aplicação e Escolas Técnicas



de História Afro-Brasileira e Indígena, em um claro avanço histórico, estrutural, simbólico e democrático, em forma de complementação da Lei Nº 10.639/2003⁴ (Brasil, 2003). Para além da determinação legal, o GTD “História(s) Indígena(s) - saberes, culturas e práticas” nasceu a partir da vontade e do desejo de trabalhar junto às/aos estudantes do 3º ano do Ensino Fundamental, do 1º Ciclo de Formação Humana, a multiplicidade cultural dos povos originários brasileiros, a desmistificação e desconstrução de preconceitos e a aproximação das crianças a diferentes cosmopercepções (Costa Júnior; Kidoiale, 2022). No Centro Pedagógico da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), o Grupo de Trabalho Diferenciado (GTD) integra o currículo de todos os anos escolares, do 1º ao 9º ano do Ensino Fundamental, em turmas com diferentes agrupamentos, com número menor de estudantes, em uma experiência de prática docente para graduandos dos cursos de licenciatura da universidade, onde possuem autonomia para lecionar de acordo com áreas de interesse e formação variadas (Centro Pedagógico, 2020). Dessa forma, o GTD “História(s) Indígena(s)” foi formado por 12 estudantes, seis da Turma Arco-Íris (3º ano A) e seis da Turma Diamante (3º ano B). O conteúdo programático foi diverso, dividido em eixos temáticos com número de aulas variados. Inicialmente, as crianças foram introduzidas à temática a partir de rodas de conversa acerca das terminologias mais adequadas para nos referirmos aos povos indígenas, discussões sobre a invasão portuguesa ao Brasil e a subjugação dos povos nativos, e debates relativos à diversidade, etnicidade e racialidade. Em seguida, foram explorados tópicos sobre direitos indígenas, alicerçados na dignidade e acesso à proteção, sobretudo associados a entidades governamentais, como o recém-criado Ministério dos Povos Indígenas (MPI) e a histórica Fundação Nacional dos Povos Indígenas (FUNAI), com duas mulheres indígenas à frente das instituições. Um desdobramento dessa conversa foi a escrita pelas/os estudantes de uma carta

⁴ BRASIL. Lei nº 10.639, de 09 de janeiro de 2003. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm>. Acesso em: 25 de agosto de 2023.

11ª Feira Brasileira dos Colégios de Aplicação e Escolas Técnicas



coletiva⁵ para autoridades políticas e indígenas, na qual as crianças reivindicaram a ampliação de direitos e proteção aos povos originários. A carta foi endereçada ao Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, à Ministra dos Povos Indígenas, Sônia Guajajara, à Presidenta da FUNAI, Joênia Wapichana e à deputada federal Célia Xakriabá, e enviada via correio eletrônico após uma cerimônia de assinatura⁶. Posterior a esse momento, iniciou-se o estudo e a exploração sobre os diferentes modos de se relacionar com a natureza, com a leitura de histórias que abordaram temas como coletividade e ancestralidade (Pataxó, 2005), relações com a natureza, o meio social e os animais (Mendonça, 2018), pesquisas e leituras sobre os diferentes tipos de moradias e aldeamentos (Kaxixó, 2012) e brincadeiras praticadas por crianças e jovens indígenas. Finalmente, para contribuir com a imersão das/os estudantes na temática, foi convidada a participar das duas últimas aulas do GTD a também monitora do Programa Imersão Docente (PID) do Centro Pedagógico, Beatriz, também chamada de *Atara* em sua língua nativa, indígena da etnia Puri, que na primeira aula realizou uma conversa acerca dos conhecimentos ancestrais dos povos originários, assim como a coletividade, e levou para apreciação adereços e artefatos de valor cultural, como colares, brincos, pulseiras, maracá, arco e flecha e cocar. Já no segundo encontro, houve uma Oficina de pinturas corporais indígenas, com a fabricação de tintas a partir do urucum, jenipapo e carvão, e aplicação na pele com grafismos da etnia Puri⁷, o que proporcionou uma troca intercultural e de vivências, sobretudo com o significado de cada grafismo (borboleta, onça, cobra e peixe) e sua importância prática e simbólica, trazendo sentido e materialidade ao exercício cultural e pedagógico, dotado de significado e contextualidade. Além das produções em sala, foi sugerida como atividade

⁵ A carta está disponível para leitura em: <<https://www.cp.ufmg.br/wp-content/uploads/2023/06/Carta-GTD.pdf>>.

⁶ Confira a matéria sobre a cerimônia de assinatura da carta em: <<https://www.cp.ufmg.br/noticia/estudantes-do-centro-pedagogico-enviam-carta-as-autoridades-solicitando-mais-protecao-e-direitos-aos-povos-indigenas-brasileiros/>>.

⁷ Confira a matéria sobre a oficina de pinturas corporais indígenas em: <<https://www.cp.ufmg.br/noticia/oficina-de-pinturas-corporais-finaliza-o-gtd-historias-indigenas-saberes-culturas-e-praticas-no-3-ano-1-ciclo/>>.

11ª Feira Brasileira dos Colégios de Aplicação e Escolas Técnicas



durante o recesso escolar a produção de um arco e flecha tradicional da etnia *Pataxoop*⁸, com imagens e instruções narradas por *Txahá Pataxoop*, mulher e professora indígena da Escola Estadual Indígena Pataxó Muã Mimatxi, através de um vídeo. Para o registro das atividades do GTD, foram elaboradas pelas/os estudantes produções para os Diários de Bordo, individual e coletivo, com descrições e ilustrações das aulas vivenciadas durante o GTD, além de outras atividades e informações complementares. Durante o 1º semestre, período em que aconteceu o GTD, foi possível observar em outras aulas a apropriação da temática e de conceitos por parte das crianças, que chegaram a abordar em alguns momentos a terminologia “povos indígenas” frente ao uso da expressão “índio”, por exemplo, além da noção da distribuição geográfica das populações originárias por todo território nacional e também os nomes de algumas etnias estudadas. Acreditamos que esse trabalho colaborou para a construção e ampliação de conhecimentos, posto que contribuiu com a prática de uma educação antirracista, anticolonial e emancipadora, que acolheu às/os estudantes, permitiu-lhes expor suas ideias, além de construir e ampliar os saberes acerca da educação, cosmopercepções e as múltiplas histórias, trajetórias e vivências das populações indígenas, sobretudo, como defende Edson Kayapó (2019), através de uma leitura que busca reconhecer a pluralidade nacional e diversidade dos povos originários brasileiros, coletivamente em uma lógica intercultural entre os sujeitos. Nos reportando a Paulo Freire (1967), as atividades desenvolvidas no GTD permitiram uma educação como prática de amor, coragem, criticidade e emancipação, que reconhece nos sujeitos sua história, sua cultura e seus direitos.

Referências

⁸ Etnia oriunda dos indígenas Pataxó que originariamente habitam o sul da Bahia, que se disseminou pelo estado de Minas Gerais e, atualmente, habita a Aldeia Muã Mimatxi, localizada em Itapeçerica, MG.

11ª Feira Brasileira dos Colégios de Aplicação e Escolas Técnicas



CENTRO PEDAGÓGICO (UFMG). **Programa Imersão Docente**. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2020, 35 p.

COSTA JUNIOR, J.; CRISTINA DA SILVA, C. Cosmologia e Kilombus: território ancestral e a retomada originária. **SAPIENS - Revista de Divulgação Científica**, Carangola, v. 4, n. 2, p. 24-54, jul./dez. 2022. DOI: <https://doi.org/10.36704/sapiens.v4i2.6980>. Disponível em: <https://revista.uemg.br/index.php/sps/article/view/6980>. Acesso em: 11 de agosto de 2023.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 1. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967. 149 p.

KAXIXÓ, Glayson. **O povo Kaxixó compreendendo sua história no seu jeito de comunicar**. 1. ed. Belo Horizonte: Literaterras, 2012. 124 p.

KAYAPÓ, Edson. A diversidade sociocultural dos povos indígenas no Brasil: o que a escola tem a ver com isso?. **Educação em Rede**, v. 7, p. 56-80, 2019.

MENDONÇA, Adriana. **Menino-arara**. 2. ed. Belo Horizonte: Baobá, 2018. 36 p.

PATAXÓ, Kanáttyo; PATAXÓ, Werimehe. **O machado, a abelha e o rio**. 1. ed. Belo Horizonte: Cipó Voador, 2005. 56 p.